

APRENDIZAGEM COLABORATIVA NO ENSINO: FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

*COLLABORATIVE LEARNING IN EDUCATION: FOUNDATIONS, PRACTICES, AND CONTEMPORARY
CHALLENGES*

Welitom Brito de Oliveira

Must University, Estados Unidos

Jane Inácio de Andrade Machado

Must University, Estados Unidos

Pollyana Rodrigues Coslope

Must University, Estados Unidos

Carla Corrêa Vargas

Must University, Estados Unidos

Crystian Maria dos Santos

Must University, Estados Unidos

César Antônio Macedo

Must University, Estados Unidos

Joseli Lopes Ribeiro Leite

Must University, Estados Unidos

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i4.603>

Aceito em: 01.04.2026

Resumo: O artigo aborda a Aprendizagem Colaborativa como uma abordagem pedagógica que valoriza a construção conjunta do conhecimento por meio da interação entre os alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades como trabalho em grupo, pensamento crítico, comunicação e resolução de problemas. Fundamentada em teorias como o construtivismo social e a sociointeracionista, a proposta visa substituir o ensino tradicional centrado no professor por um modelo mais dinâmico e participativo, no qual os estudantes são protagonistas do processo de aprendizagem. A implementação eficaz dessa metodologia requer planejamento cuidadoso, com atenção à formação de grupos, à diversidade de ideias e ao papel do educador como facilitador. Pesquisas apontam que esse modelo melhora o desempenho acadêmico e favorece a criação de uma comunidade de aprendizagem coesa, inclusiva e preparada para os desafios do século XXI.

Palavras-chave: Colaborativa. Pedagógico. Aprendizagem.



Abstract: This article discusses Collaborative Learning as a pedagogical approach that values the joint construction of knowledge through student interaction, fostering the development of skills such as group work, critical thinking, communication, and problem-solving. Based on theories such as social constructivism and socio-interactionism, the proposal aims to replace traditional teacher-centered teaching with a more dynamic and participatory model in which students are protagonists of the learning process. Effective implementation of this methodology requires careful planning, with attention to group formation, diversity of ideas, and the educator's role as facilitator. Research shows that this model improves academic performance and fosters the creation of a cohesive, inclusive learning community prepared for the challenges of the 21st century.

Keywords: Collaborative. Pedagogical. Learning.

1 Introdução

Muitas pessoas ainda enxergam o conhecimento como algo que pode ser simplesmente passado de uma pessoa para outra. Por outro lado, a aprendizagem colaborativa entende que o conhecimento é construído coletivamente, a partir do diálogo e da cooperação entre os membros de uma comunidade de aprendizagem. Esse processo ocorre por meio de interações, como discussões, resolução conjunta de problemas e análise de casos. Essa abordagem incentiva o envolvimento ativo dos alunos, tornando o aprendizado mais dinâmico e eficaz, sendo também conhecida como aprendizagem cooperativa ou em pequenos grupos.

A distinção entre cooperação e colaboração ainda gera debates: alguns estudiosos consideram a cooperação como um conceito mais amplo, que envolve níveis variados de apoio entre os participantes, enquanto a colaboração se refere a um trabalho conjunto voltado a um objetivo comum, sem a presença de hierarquias. Embora esses termos sejam muitas vezes usados como sinônimos, ao longo do tempo eles passaram a representar práticas e enfoques distintos dentro do contexto educacional.

O ensino tradicional, centrado na transmissão direta de conteúdo do professor para os alunos, tem se mostrado cada vez mais limitado diante das exigências de um mundo em constante transformação. A necessidade de formar indivíduos com habilidades como pensamento crítico, criatividade, comunicação e capacidade de colaborar — conhecidas como competências do século XXI — tem impulsionado a adoção de novas metodologias. Nesse cenário, a aprendizagem colaborativa se destaca como uma alternativa relevante, pois valoriza a interação entre os estudantes e promove a construção do conhecimento de forma conjunta, baseada na interdependência e na responsabilidade individual de cada membro do grupo.

Este artigo apresenta uma proposta prática para integrar a aprendizagem colaborativa ao processo educativo, discutindo os fundamentos teóricos que a sustentam, as estratégias para colocá-la em prática e os benefícios esperados para o desenvolvimento completo dos alunos.

2 Perspectivas históricas no desenvolvimento da aprendizagem colaborativa

O conceito de aprendizagem colaborativa, que envolve aprender e trabalhar em grupo, não é novo e tem sido explorado desde o século XVIII. Educadores de diferentes disciplinas utilizam este método para preparar alunos para os desafios fora da escola. Além disso, empresas também adotam a aprendizagem colaborativa, pois a habilidade de trabalhar em grupo é muito valorizada no mercado de trabalho. Essa abordagem se destaca pela efetividade em promover a colaboração e o aprendizado conjunto.

A metodologia de aprendizagem colaborativa aplicada ao ensino de habilidades de escrita teve como um de seus pioneiros George Jardine, professor da Universidade de Glasgow, entre 1774 e 1826. Ele ensinava técnicas de comunicação, produção textual e trabalho em grupo de forma conjunta, com o objetivo de preparar os alunos para sua participação na sociedade britânica. Estudos de Johnson e Johnson apontam que instituições como a Lancaster School e o movimento Common School, no início do século XIX, constituíram algumas das primeiras experiências de ensino cooperativo em grupos dentro de ambientes educacionais formais.

O movimento da Escola Nova, surgido no começo do século XX, exerceu grande influência sobre a aprendizagem colaborativa, contando com contribuições de educadores como John Dewey, Maria Montessori e Jean Piaget. No Brasil, Anísio Teixeira incorporou as ideias da Escola Nova a partir de 1930, em um período marcado por intensa circulação de ideias e conflitos sociais. Essa abordagem se posicionou contra a pedagogia tradicional, apoiando-se em princípios da psicologia e da biologia, com foco no desenvolvimento individual e na criatividade dos alunos. A valorização da participação do estudante tornou-se central, e o trabalho em grupo passou a ser uma estratégia importante, sendo Dewey um dos principais promotores de grupos de aprendizagem cooperativa como parte de sua metodologia.

Na década de 1950, surgiram as Teorias da Aprendizagem Cognitiva, formuladas por Jean Piaget e Lev Vygotsky. Jean Piaget estudou como os indivíduos constroem conhecimento, focando na interação ativa com o meio físico e social. Para ele, o intercâmbio de ideias entre pessoas é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que o conhecimento é definido socialmente e a interação social é necessária para validar conceitos. Lev Vygotsky, por sua vez, enfatizou a importância da interação social na formação do indivíduo, argumentando que a individualidade se desenvolve através das relações mediadas pela cultura. As teorias de Piaget e Vygotsky tiveram um grande impacto na criação de metodologias de Aprendizagem Colaborativa, destacando a interação como essencial para o aprendizado e o crescimento cognitivo.

Na década de 1960, vários estudos investigaram a cooperação e a competição entre crianças, conduzidos por pesquisadores como Kagan, Bruner e outros. David e Roger Johnson iniciaram programas de treinamento em aprendizagem cooperativa na Universidade de Minnesota. Na Inglaterra, professores começaram a desenvolver práticas educativas colaborativas. Durante a Guerra do Vietnã, Edwin Mason, Charity James e Leslie Smith trabalharam para tornar a educação mais democrática, afastando-se de métodos autoritários. O modelo de Mason e colegas

se inspirou nas pesquisas da bióloga M. Abercrombie, que após uma década de estudos concluiu que o julgamento médico é melhor aprendido em pequenos grupos, onde os alunos colaboram na elaboração de diagnósticos. Essas experiências destacaram a relevância do trabalho em grupo e da cooperação no processo de aprendizagem.

Na década de 1970, os professores começaram a perceber a necessidade de alternativas ao ensino tradicional para preparar melhor os estudantes. Instituições de ensino superior nos Estados Unidos passaram a aplicar técnicas de instrução e avaliação em pares ou grupos, conhecidas como Aprendizagem Colaborativa. Segundo Brufee, essa metodologia transforma o contexto social do aprendizado, aproveitando de forma mais eficaz a força educativa do trabalho em grupo, muitas vezes negligenciada pelos métodos convencionais.

Nos anos 1990, a Aprendizagem Colaborativa ganhou maior destaque entre educadores do ensino superior. David e Roger Johnson, junto com Karl Smith, adaptaram as práticas de aprendizagem cooperativa para o ambiente universitário e publicaram um livro consolidando suas abordagens e experiências sobre o tema.

2.1 Desenvolvendo aprendizado colaborativo

A Aprendizagem Colaborativa se mostra eficiente tanto no aprimoramento do desempenho acadêmico quanto no desenvolvimento de competências para o trabalho em equipe. Um relatório da American Association for the Advancement of Science (1989) destaca que atividades em grupo nas aulas são fundamentais para estimular a colaboração em disciplinas de ciência e tecnologia. Como cientistas e engenheiros costumam atuar em equipes, os estudantes devem vivenciar experiências que favoreçam a divisão de responsabilidades e a troca de conhecimentos entre colegas.

A colaboração entre os pares cria uma produção única do grupo, tanto em subgrupos quanto em atividades individuais, já que tudo é compartilhado por todos os membros da turma. O grupo serve como uma ferramenta para a construção coletiva do conhecimento. As atividades são essenciais para dar sentido à ação do grupo e mantê-lo dinâmico. No processo de gerenciar essas atividades, os membros se organizam, repartem papéis, discutem ideias, interagem e definem subtarefas, seguindo uma proposta elaborada e negociada em conjunto. As estratégias pedagógicas focam na construção do conhecimento e na colaboração entre os alunos. Essa colaboração respeita a diversidade, permitindo que indivíduos diferentes aprendam e cresçam juntos. No ensino tradicional, a avaliação é feita com base no trabalho individual. Para promover a colaboração entre estudantes, é importante ter avaliações em grupo, que devem sempre incentivar a cooperação em vez da competição.

2.2 Fundamentos teóricos da aprendizagem colaborativa

A aprendizagem colaborativa não é apenas uma técnica, mas uma filosofia educacional enraizada em teorias construtivistas e sociointeracionistas.

Construtivismo Social: Baseado nos trabalhos de Lev Vygotsky, o construtivismo social postula que o conhecimento é construído de forma social e cultural. A interação com outras pessoas, sejam pares ou professores, é crucial para que o aluno internalize conceitos e desenvolva suas capacidades cognitivas. A “Zona de Desenvolvimento Proximal” (ZDP) de Vygotsky ilustra bem esse ponto: é o espaço onde o aluno, com a ajuda de um colega ou adulto mais experiente, pode realizar tarefas que não conseguiria sozinho.

Interdependência Positiva: Um dos elementos centrais da aprendizagem colaborativa, a interdependência positiva garante que o sucesso de um indivíduo esteja intrinsecamente ligado ao sucesso do grupo. As atividades são desenhadas de forma que os membros do grupo precisem uns dos outros para alcançar um objetivo comum. Isso contrasta com o trabalho em grupo tradicional, onde as tarefas podem ser divididas e realizadas isoladamente, sem uma real colaboração.

Responsabilidade Individual: Embora o trabalho seja em grupo, cada membro deve ser responsável por sua contribuição. A avaliação deve considerar tanto o desempenho do grupo quanto o esforço e a participação individual. Isso previne o fenômeno conhecido como “parasitismo social”, onde alguns membros se aproveitam do trabalho dos outros.

2.3 Proposta de aprendizagem colaborativa

A proposta de aprendizagem colaborativa inclui aulas de grupos de consenso, onde os participantes trabalham juntos para alcançar um acordo sobre uma tarefa. Os professores organizam esses grupos dividindo a turma em pequenos grupos, fornecendo uma tarefa definida, reagrupando para discussões em plenária e avaliando o trabalho. O professor deve criar atividades que incentivem os estudantes a aproveitar a diversidade do grupo, aumentando o potencial de aprendizagem de cada membro.

Para que a aprendizagem colaborativa seja bem-sucedida, é fundamental um planejamento cuidadoso por parte do educador. A seguir, uma proposta estruturada em etapas: **Definir Objetivos e Atividades:** O primeiro passo é ter clareza sobre os objetivos de aprendizagem. As atividades devem ser desafiadoras e relevantes, exigindo que os alunos apliquem o conhecimento e interajam para encontrar soluções. Projetos, estudos de caso, debates e simulações são exemplos de atividades eficazes.

Formar Grupos Heterogêneos: A diversidade nos grupos é um diferencial. Ao misturar alunos com diferentes habilidades, conhecimentos e perspectivas, o educador estimula a troca de saberes e o desenvolvimento de empatia. Grupos pequenos (de 3 a 5 pessoas) tendem a ser mais produtivos.

Estabelecer Regras e Expectativas: Antes de iniciar a atividade, é crucial definir as “regras do jogo”. Isso inclui como o grupo deve interagir, como os conflitos serão resolvidos e qual o papel de cada membro. Discutir as expectativas de avaliação — que incluirá tanto o resultado do trabalho quanto o processo colaborativo — é essencial.

Papel do Educador: O professor atua como um mediador, não como um instrutor central. Seu papel é circular entre os grupos, fazer perguntas que estimulem o pensamento, identificar e resolver impasses, e oferecer apoio quando necessário. O educador se torna um facilitador do processo, orientando os alunos a “aprenderem a aprender” juntos.

Avaliação: A avaliação deve ser formativa e contínua. Além do produto final, é importante avaliar o processo de colaboração. Ferramentas como autoavaliação e avaliação por pares podem ser usadas para que os alunos reflitam sobre sua própria participação e a dos colegas.

2.4 Planejamento para a sala de aula

A efetividade das práticas de aprendizagem colaborativa está diretamente ligada a um planejamento detalhado de cada fase do processo de ensino e aprendizagem. No modelo tradicional de sala de aula, papéis de autoridade e controle são claramente estabelecidos. Já as metodologias colaborativas transformam não apenas a forma de ensinar, mas também a dinâmica de poder em sala, ao propor atividades desenvolvidas em grupo. Qualquer estratégia baseada nessas abordagens deve organizar e estruturar os elementos das experiências curriculares para garantir que os alunos cheguem aos objetivos. As estratégias educacionais estão centradas na tecnologia para a transmissão e recepção de informações.

Ao elaborar uma proposta de aprendizagem colaborativa, é fundamental observar quatro noções da psicologia social: logística, estratégia, tática e técnica. A logística refere-se à análise das características de alunos e professores, considerando sua formação e aspectos de personalidade que podem influenciar o processo. Estratégia refere-se à arte de conduzir operações, considerando fatores como tempo, lugar, frequência, duração, materiais, custos e interrupções. Tática é a implementação do plano elaborado. Por fim, técnica diz respeito à maneira como as atividades são realizadas.

É importante considerar o número de estudantes, o perfil deles, se são graduados ou não, e o nível de experiência de aprendizagem do grupo. Os objetivos do curso devem harmonizar-se com sua estrutura. O professor deve se questionar sobre o conhecimento e habilidades que deseja que os estudantes adquiram. Além disso, ao trabalhar com novos grupos ou estudantes inexperientes, o professor deve revisar a estrutura do grupo, o papel de cada membro e as habilidades sociais necessárias para realizar as atividades.

2.5 Benefícios e Desafios

A adoção da aprendizagem colaborativa traz uma série de benefícios comprovados:

- **Desenvolvimento de Habilidades Sociais:** Melhora a comunicação, a capacidade de ouvir e a empatia, preparando os alunos para o trabalho em equipe.
- **Aumento da Motivação e Engajamento:** Ao se tornarem protagonistas, os alunos se sentem mais motivados e comprometidos com o aprendizado.
- **Aprendizado Mais Profundo:** A discussão e o confronto de ideias levam a uma compreensão mais profunda e duradoura do conteúdo.
- **Melhora no Desempenho Acadêmico:** Diversos estudos demonstram que a aprendizagem colaborativa pode resultar em melhores resultados em avaliações.

No entanto, existem desafios a serem superados, como a resistência inicial dos alunos ao sair da zona de conforto e a dificuldade em garantir a participação de todos os membros do grupo. O sucesso da abordagem depende diretamente da capacidade do educador de estruturar as atividades e de mediar as interações.

3 Considerações finais

A eficácia de uma proposta de aprendizagem colaborativa está ligada à organização de atividades que estimulem os estudantes e favoreçam a construção de uma comunidade de aprendizagem integrada. Os participantes devem trabalhar juntos para atingir objetivos comuns, respeitando a diversidade de ideias e valores. As atividades devem criar um movimento espiral de equilíbrios e desequilíbrios, permitindo diálogo entre conhecimentos anteriores e novas experiências. O objetivo é provocar mudanças que ajudem os alunos a se tornarem pesquisadores autônomos, por meio de situações desequilibradas que os incentivem a explorar e descobrir novos aprendizados.

A aprendizagem colaborativa é mais do que uma tendência pedagógica; é uma filosofia que reconhece o valor da interação social na construção do conhecimento. Ao adotar essa proposta, as instituições de ensino podem criar ambientes mais dinâmicos e engajadores, nos quais os alunos não apenas adquirem conteúdo, mas também desenvolvem as habilidades e competências necessárias para prosperar na sociedade do século XXI. É um passo fundamental para transformar a sala de aula em uma verdadeira comunidade de aprendizagem.

Referências

Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (1994). *Learning together and alone: Cooperative, competitive, and individualistic learning*. Allyn and Bacon.

Lupion Torres, P., Alcantara, P., & Freitas Irala., E. A. (2004). GRUPOS DE CONSENSO: UMA PROPOSTA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. *Revista Diálogo Educacional*, 4(13), 129–

145. <https://doi.org/10.7213/rde.v4i13.7052>.

Panitz, T. (1999). A definition of collaborative vs cooperative learning. Online Discussion, LGU. Acesso em 15 de agosto de 2025, de <http://www.lgu.ac.uk/deliberations/collab.learning/panitz2.html>.

Slavin, R. E. (1995). Cooperative learning: Theory, research, and practice. Allyn & Bacon.

Vygotsky, L. S. (1978). Mind in society: The development of higher psychological processes. Harvard University Press.